Anno XXVI — Rio de Janeiro — Domingo 13 de Maio de 1900 — N. 133

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL
Semestre ..... 16$000
Anno ..... 30$000
PAGAMENTO ADIANTADO
ESCRIPTORIO
1ºA PEREIRA CESAR N. 70, ANTIGA DO OUVIDOR

GAZETA DE NOTICIAS

ASSIGNATURAS PARA OS ESTADOS
Semestre ..... 10$000
Anno ..... 20$000
PAGAMENTO ADIANTADO
TYPOGRAPHIA
70 RUA SETE DE SETEMBRO 70

NUMERO AVULSO 100 RS.
Os artigos enviados á redacção não serão restituidos ainda que não sejam publicados

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marinoni, na typographia da sociedade anonyma «Gazeta de Noticias»

NUMERO AVULSO 100 RS.
As assignaturas começam em qualquer dia e terminam em fim de junho ou dezembro

Tiragem 40.000 exemplares

13 DE MAIO

A data de hoje é para a historia do Brasil o marco miliar mais importante, e se não nos enganamos, o ponto de partida da verdadeira independencia e da verdadeira civilisação da nação brasileira.

A escravidão era um anachronismo nas terras americanas, nas terras em que o direito da liberdade individual é tão possante que chega a prejudicar e a collocar em segunda linha o direito do Estado.

No Brasil o cidadão chegava a desconhecer em todas as occasiões a mesma theoria do direito divino, dando um golpe tremendo na auctoridade imperial e no direito dynastico; mas o escravo considerado *res nullius* quando apanhado nas praias africanas pelos negreiros deshumanos, reduzido a mercadoria como uma cabeça de gado, representava uma tremenda anomalia da nossa vida social, um desmentido categorico aos que acima dos direitos dynasticos collocavam o direito da liberdade e da dignidade humana.

Era o negro uma raça inferior?

Mas quem dava direito aos brancos de escravisal-o arrancando-o aos tranquillos ocios da sua choupana, onde gozava a sua parte de direito da existencia que o seu nascimento lhe deu?

Se era licito ao branco bestialisar o negro, não era de estranhar que houvesse um homem privilegiado a que o simples nascimento dava o direito de governar um paiz.

E se pelo lado moral a escravidão era uma mancha para os creditos da civilisação brasileira, pelo lado economico era um elemento de fraqueza.

E' verdade que a abolição descontentou a muita gente e feriu muitos interesses, mas ella fez o mesmo effeito que o ferro de um cirurgião numa chaga profunda e gangrenosa: doe mas cura.

A nossa vitalidade economica, a base do trabalho do escravo, era ficticia, era passageira; o homem reduzido a machina é sempre peior que uma machina; mas elevado ao nivel da consciencia do proprio ser e da propria dignidade, é uma força que se multiplica, é uma energia que não se esgota.

O trabalho livre é a base da economia social moderna, é a força productora por excellencia, é a alliança entre a força do musculo e a força da mente, que é a energia das energias.

A escravidão supprimia todas as prerogativas da intelligencia humana, era mesmo a antithese completa da moderna theoria da lucta pela existencia; por isso deu resultados economicos funestos que a habilidade dos financeiros disfarçou mas não supprimiu; e as crises que nos assoberbam ha quasi dez annos são em grande parte a liquidação desse estado ficticio da nossa organisação economica e social durante o tempo da escravidão.

Em contacto livre com a raça branca a raça negra se transforma e desapparece: a natureza com as suas leis immutaveis deu-lhe o meio de se aperfeiçoar e de se levantar ás alturas mais ambicionadas pelo genio humano.

Na escravidão, ao contrario, ella se perpetuava como uma planta maligna, ou perturbava com as suas intromissões physiologicas inevitaveis a selecção das raças dominadoras.

E' por isso que a data de 13 de maio deve ser escripta a lettras de ouro nas paginas mais gloriosas da historia do Brasil.

OPINIÕES

Rio, 11 de maio de 1900.

Sr. Dr. Ferreira de Araujo. — Permittirá V. que ainda uma vez eu ouse apparecer na imprensa para contradictar palavras suas em relação a um mesmo assumpto. Digo *ainda uma vez*, porque em 1895, quando escrevia eu no *Correio Paulistano* e V. realçava as columnas do *Commercio de S. Paulo* com magistraes artigos, tive a honra de escrever uma serie de *cartas abertas* a V. dirigidas, em que contrariava uma affirmativa sua.

Acaricio a esperança de que, apezar da obscuridade do contendor de então, V., mestre insigne e polemista glorioso, não terá esquecido a refrega ligeira em que a victoria de V. seria facil e esmagadora, tanta a desigualdade dos combatentes, se a causa que eu defendia não fosse a da verdade incontestavel e da justiça.

A minha presumpção de que esse tenuissimo incidente da vida jornalistica de V. ainda se não haja de todo apagado da sua memoria, nasce da lisonjeira lembrança, que guardo sempre, das palavras animadoras e amaveis que então mereci de V.

Naquella occasião, escrevendo sobre questões de politica do Rio Grande do Sul, V. disse, em um dos brilhantes artigos que mandava ao *Commercio de S. Paulo*, que o eminente chefe do partido republicano rio-grandense, Dr. Julio de Castilhos, tinha apoiado o golpe de Estado de 3 de novembro de 1891. Hontem V., em carta aberta ao illustre Dr. Gomes de Castro, repetiu a mesma affirmativa. Em 1895 provei com documentos, alguns dos quaes constam do extraordinario manifesto que ao Rio Grande do Sul dirigiu o benemerito Dr. Julio de Castilhos, em 13 de novembro de 1891, após haver abandonado o governo do Estado, que tal affirmativa não era verdadeira, tanto que em artigo do jornal *A Federação*, de Porto-Alegre, intitulado o *Dever supremo*, e anterior ao abandono do governo por parte do emerito rio-grandense, declarava aquella folha, devidamente auctorisada, que o presidente do Estado, logo que teve conhecimento do golpe de Estado, discordou desse acto, discordancia que manifestou francamente em numerosa reunião de amigos civis e militares.

Não repetirei nesta carta, com que abuso da excessiva bondade de V., todos os argumentos e razões que então expendi para mostrar o erro da affirmativa feita, e lembrarei apenas que mencionei que — tanto o Dr. Julio de Castilhos não esteve de accordo com o acto dictatorial, que desta capital partira para o Rio Grande do Sul, com a commissão de confiança do governo federal, o Sr. visconde de Pelotas, levando a incumbencia de depor o presidente que se considerava hostil ao golpe de 3 de novembro. Para provar esta asserção publiquei os telegrammas trocados entre o governo central e o nobre emissario.

Hoje, para mostrar a V. e ao paiz, que centena de vezes tem ouvido a injusta accusação, quão infundada e inveridica ella é, venho trazer ao conhecimento de V. o telegramma que a 2 de novembro de 1891 passou o Dr. Julio de Castilhos ao general Pinheiro Machado, então na capital de S. Paulo. Nesse telegramma, que com esta envio a V., depois de transmittir ao senador rio-grandense a communicação que do projectado golpe de Estado tivera, por intermedio dos representantes do Rio Grande no Rio de Janeiro, disse o Dr. Julio de Castilhos: «*Indispensavel vosso regresso Rio evitar descalabro.*»

Este telegramma, de que tive conhecimento na occasião do recebimento, obrigou o senador Pinheiro Machado a regressar a esta capital, onde, apezar de ter chegado tarde *para evitar o descalabro*, teve franca e leal conferencia com o glorioso marechal Deodoro, manifestando-se abertamente contra o desastrado acontecimento, que declarou tão funesto ao paiz e ás instituições quanto á gloria pessoal do primeiro presidente da Republica. A esta conferencia assistiu o digno sobrinho do marechal, o major Clodoaldo da Fonseca, que, vivendo nesta cidade, dirá se é verdade ou não quanto affirmo.

O illustre e eminente senador rio-grandense, que foi e é o mais genuino, dedicado e leal representante da politica do benemerito Dr. Julio de Castilhos, cumprido esse imperioso dever, regressou a S. Paulo, onde se collocou ao lado dos resistentes ao golpe de Estado, tendo tido depois necessidade, para não ser preso, de seguir para o Rio-Grande do Sul pelo interior de S. Paulo, como o poderão confirmar todos os politicos eminentes do grande Estado paulista, notadamente o venerando presidente da Republica.

Não existissem os documentos e provas de que em tempo me servi, e bastava este telegramma para mostrar á evidencia que o Dr. Julio de Castilhos não apoiou o golpe de Estado. Não podia certamente o benemerito rio-grandense, responsavel directo pela manutenção da ordem publica no Estado que tão felizmente presidia e que não se encontrava nas condições normaes de outros e antes andava agitado por paixões desencontradas e insoffridas, que só esperavam ensejo para explodir, esquecer o primordial dever que lhe estava imposto, para «erguer soffrega e levianamente o brado de alarma e ser o primeiro a excitar o espirito de desordem, como um agitador em desvario». O glorioso organisador do Rio Grande do Sul não podia estar de accôrdo, nem apoiar um acto que procurou evitar e que lhe mereceu o qualificativo de *descalabro*. — Mas, previdente e cuidadoso da ordem publica, sabendo o Estado sobre um vulcão, em que as paixões e interesses tumultuavam desordenadamente, agiu criteriosa e sabiamente, procurando collocar o Rio Grande do Sul a salvo das demasias demagogicas e revolucionarias.

Esta é a verdade historica e a psychologia do facto que tanta materia tem dado a tão injustas aggressões ao homem publico, de linha de conducta mais segura e bem orientada, de que nós rio-grandenses, nos podemos orgulhar.

Perdoe V. a confiança que tomo, dirigindo-lhe tão longa carta, o que faço fiado em sua bondosa generosidade e urgido pela conveniencia de tornar publico documento tão precioso, como o que envio a V.

Agradecendo a inserção desta na sua notavel *Gazeta*, peço acceitar V. os protestos sinceros da minha admiração e muita estima.

RIVADAVIA CORRÊA.

Telegramma dirigido ao Sr. senador Pinheiro Machado:

«Lucena prepara elementos dissolver Congresso provoca insensatamente. Entendemos dignidade resistir. Indispensavel vosso regresso Rio evitar descalabro. Anciosa vossa presença aqui. Resigno-me demora. (Assignado) *Julio de Castilhos*».

Este telegramma está em cifra desde a primeira palavra até *resistir*. Dahi em diante em linguagem commum. O Sr. Dr. Rivadavia teve a bondade de communicar-nos o proprio original.

Condessa d'Eu

João Alfredo Corrêa de Oliveira

Visconde do Rio Branco

Joaquim Nabuco

[illegible] el Pinto de Souza Dantas

Ferreira de Menezes

Luiz Gama

José do Patrocinio

CHRONICA

Emfim! não entramos ás escuras no quinto seculo da nossa existencia.

Nem ás escuras, nem em silencio. Houve mesmo tanta luz e tanto barulho, que a gente ainda tem, nos olhos, coriscos deslumbrantes, e, no ouvido, o reboar de uma tempestade longinqua.

Todas as bandas de musica do Rio de Janeiro andaram á compita atroando os ares; não ficou sem serviço uma só lanterna chineza; por seis noites a fio a cidade se encheu de uma multidão bulhenta e jovial; e coalhou-se o mar de embarcações rutilantes, e vulcões fantasticos vomitaram catadupas de estrellas, e houve acclamações, vivas, hymnos, discursos, gyrandolas, salvas.

Agora, dos mastros sem côr pendem eccos os festões de folhagens; rasgam-se ao vento as flammulas; descóram ao sol as pinturas dos coretos; rasgam-se as lanternas; e o povo, estremunhado, volta ao trabalho. Mas que importa desappareça o fulgor das luminarias, e expire o derradeiro echo da algazarra popular, se do todo esse conjuncto de festas, alguma cousa vai ficar, perpetua e bella, para gloria nossa?

Já vai sendo tempo de começar o balanço da commemoração. Assim, depois de um baile, emquanto a criadagem varre as salas e limpa os moveis, o dono da casa, reflectindo, indaga se o valor das novas relações e das novas amisades que lhe deu a festa compensa a perda do dinheiro e o incommodo da recepção...

Ora, o primeiro lucro que, neste caso, nos resalta aos olhos, patente e luminoso, é este: a commemoração veiu sacudir-nos, veiu excitar-nos o systema nervoso, veiu agitar profundamente a lagôa morta, da indifferença e de ignorancia, em que estavamos atolados. Foi como se alguem, agarrando com orça o braço do Brasil, e dando-lhe meia duzia de puxões violentos, lhe berrasse dentro das ouças emmouquecidas: «Olha que tu vives, ó sôrna! olha que tu não és uma mumia, ó molleirão! move esse corpansil, esfrega esses olhos, desentorpece essas pernas, respira com franqueza, sacode fóra essa preguiça! tu tens sangue, tens alma, tens historia, tens futuro! o que te falta é consciencia... ergue-te, e anda!»

Imaginam os senhores que toda aquella multidão, pasmada diante das luminarias, sabia, antes do dia 3 de maio de 1900, que houvera outr'ora um Cabral, um frei Henrique, um Caminha? Não imaginem isso! Havia alli muita gente para quem o Brasil ainda não tinha sido descoberto...

Mas, adiante. Não fallemos do monumento de Bernardelli, que — cousa rara nesta Patria do descontentamento! — tem agradado a todo o mundo; deixemos de parte o primeiro volume do *Livro do Centenario*, cuja distribuição se vai agora fazer, — repositorio preciosissimo de estudo sobre a nossa historia, as nossas sciencias, as nossas artes, a nossa religião e a nossa industria; reservemos para outra chronica o louvor dilatado que merece o *Brasil*, de Zeferino Candido — um benedictino paciente que tem o delirio do trabalho; ponhamos de lado a serie dos discursos, dos artigos, das memorias, das exposições, dos congressos. E paremos a louvar a idéa luminosa, que teve a Associação do Centenario de pedir ao governo que faça agora aquillo que ha tanto tempo não quer fazer: a purificação naquella hediionda cousa que se chama o Mercado da Gloria, transformando-a em Escola Nacional de Bellas Artes.

Jesus! quando a gente passa por alli, e mira aquella massa informe esparramada no coração da cidade, com as faces todas comidas de lasceira, escancarando ao sol, como chagas negras, as suas janellinhas de caserna, tresandando a molo e a immundicie, — a vontade que ha é a de morrer, para nunca mais olhar o estafermo. A Associação do Centenario quiz dar ao monstro uma cara mais decente, e gastou um dinheirão em desinfectar-lhe o ventre abominavel: mas não houve desinfectantes que bastassem. A mão de cal que lhe passaram na feia cara não bastou tambem: no dia seguinte ao da pintura, a lepra do trambolho venceu a tinta, e voltou a ostentar ao sol as suas placas verde-negras. Um horror!

Oh! que obra meritoria seria o da regeneração daquillo!

Será possivel que o governo cerre os ouvidos ao que lhe pede a Associação? Não seria uma gloria, para um ministro, o assignar o decreto que entregasse aquillo a Rodolpho Bernardelli, para que elle carinhosamente abrigasse alli dentro, depois de transformar o pardieiro infame num palacio decente, aquella amada Escola de Bellas Artes, cujos quadros se estão perdendo na casa atarracada da Travessa?

Se alguma consideração póde merecer a voz desta columna da *Gazeta*, aqui vai uma supplica a toda a imprensa, a todos os artistas, a todos os que amam as cousas da intelligencia e da arte: — juntemo-nos todos, batamos esse ferro emquanto está quente, chamemos para esta idéa tão simples, tão facil, tão bella a attenção carinhosa do governo. Para que ha de aquillo ficar alli, maculando e infamando um dos mais bellos pontos da cidade, á beira do mar, dando logo a quem nos visita o mais repugnante attestado da nossa incuria e do nosso máo gosto? A imprensa, aqui como em toda a parte, faz tudo quanto quer; vamos agitar este caso todos os dias, irmãos! e que, emfim, á festa do Centenario, a que já devemos tanta boa obra do progresso, de cultura, e de civilisação, possamos tambem dever este inestimavel e extraordinario serviço: a extincção de um monstro horripilante e a creação de um templo de arte...

Não é numa columna magra como esta que se póde, de uma só vez, resumir e analysar todas as considerações que suggere a festa do Centenario. Tempo ao tempo! ainda teremos muitas occasiões de conversar sobre isso.

Mesmo porque é indispensavel reservar um canto da *Chronica* para a commemoração do *13 de maio*...

Doze annos!... Quando se pensa na somma incalculavel de sacrificios, de dedicações, de heroismos, de abnegações obscuras e obstinadas, que foi preciso empregar para a conquista desta lei que ha doze annos constitue a nossa maior gloria, — a alma da gente se volta com commoção para o passado, e abençôa a generosidade dos que deram á propaganda sublime o melhor da sua vida.

Vão rareando já as fileiras dos que se empenharam nessa lucta de morte contr